

**ESTUDOS FEMINISTAS**  
ensaios de uma interdisciplina

coordenação de:

Adriana Bebiano  
Rosário Ferreira  
Teresa Tavares

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

2 0 0 9

ESTUDOS FEMINISTAS

Estudos feministas : ensaios de uma interdisciplina / coord. Adriana Bebiano, Rosário Ferreira, Teresa Tavares. — (Textos Pedagógicos e didáticos ; 18)

ISBN 978-972-9038-96-9

I – BEBIANO, Adriana, 1960-  
II – FERREIRA, Rosário, 1959-  
III – TAVARES, Teresa, 1954-  
CDU 316  
305

**Título:** Estudos feministas : ensaios de uma interdisciplina  
**Autor:** Coord. Adriana Bebiano, Rosário Ferreira, Teresa Tavares  
**Colecção:** Textos Pedagógicos e Didáticos ; 18  
**Coordenação Editorial:** Gabinete de Publicações da FLUC  
**Composição e arranjos gráficos:** Olga Carramanho  
**Capa:** Vítor Torres  
**Depósito Legal:** 298396/09  
**Impressão:** Secção de Textos da FLUC  
**Tiragem:** 300 exemplares

## ÍNDICE

1. Introdução. Estudos Feministas, uma interdisciplina para o futuro – Adriana Bebiano ..... 7
2. Madonna, sexo e o fim da hegemonia masculina – Ana Paula Vieira da Silva ..... 13
3. Homoerotismo feminino no século XVIII – Salomé Coelho ..... 29
4. *Chéri* ou la nostalgie de l'androgynie: étude de la persistance archétypale du complexe de la Grande Déesse dans l'oeuvre de Colette – Oriana Baron ..... 53
5. A derrogação semântica da Mulher – Ana Paula Vieira da Silva..... 71
6. Histórias de vida das mulheres palestinianas: ficção, memória ou história? – Shahd Wadi ..... 99
7. Para memória futura: duas mulheres palestinianas em entrevista. Um Cáied e Iosra Ibrahim Al-Barbari – Tradução do árabe, introdução e notas: Shahd Wadi. Revisão: Adriana Bebiano..... 119



*Adriana Bebiano*

## ***Introdução***

*Ideology is the mother tongue.*

Rae Armantrout

Este livro é uma amostra do trabalho produzido no primeiro ano do Programa de Mestrado em Estudos Feministas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2007-2008).

No seguimento deste Mestrado foi criado, em 2008, o Doutoramento em Estudos Feministas. Com a direcção científica de Maria Irene Ramalho, estes programas reuniram, num primeiro momento, um grupo de docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra provenientes de diversas áreas disciplinares – estudos literários, culturais, linguísticos, história e filosofia –, cujo trabalho de investigação e ensino tem tido, ao longo de anos, uma abordagem feminista.

Porquê a criação destes programas de Estudos Pós-graduados? No ano que antecedeu a sua criação – um longo ano de trabalho burocrático, mas também pedagógico e político – as suas promotoras foram muitas vezes confrontadas com as perguntas: Porquê Estudos Feministas? O Feminismo ainda é preciso? Não é “isso” uma coisa do passado? Por que não “Estudos sobre Mulheres”?

De facto, pode parecer um “regresso ao passado” a criação numa universidade portuguesa de um programa de estudos avançados com um nome ainda tão carregado de estigma. Acresce ainda que, num número significativo de Universidades de países europeus e dos Estados Unidos onde os Estudos Feministas se afirmaram como área do saber com um lugar (agora) incontroverso nas últimas quatro décadas, os Feminist Studies /Women Studies têm vindo a dar lugar aos Gender Studies – ou, no Brasil, os “Estudos de Género” – que supostamente oferecem uma resposta mais adequada à problematização de noções de identidade sexual e às práticas sociais e culturais nossas contemporâneas, de inegável maior paridade entre os sexos.

Somos nós e as nossas circunstâncias. Se as circunstâncias políticas, jurídicas e sociais em Portugal mudaram muito da Revo-

lução de 1974 a esta parte, assegurando às mulheres uma situação de paridade, pelo menos na letra da lei, não deixamos de ser uma sociedade profundamente patriarcal nas suas representações, que naturalizam e legitimam práticas que (ainda) subalternizam as mulheres. Por isso acreditamos que criar consciência do carácter socialmente construído de conceitos como “feminino” e “masculino” – interrogando e desconstruindo a ideologia patriarcal, aquela que, nas palavras da poeta, é a nossa língua materna – é um passo importante na criação de modelos de práticas sociais mais justas, que permitam às mulheres o exercício da cidadania plena. Acreditamos que os Estudos Feministas têm um papel importante a desempenhar neste processo de criação de consciência do carácter culturalmente construído da subalternização feminina e, conseqüentemente, na mudança destas práticas.

“Estudos Feministas e Cidadania Plena” foi justamente o título que escolhemos dar ao Colóquio que organizámos, com grande sucesso, em Fevereiro de 2008, e que reuniu investigadoras e investigadores de áreas tão diversas como os estudos culturais, a sociologia, a teologia, os estudos de migração e o direito. Dos trabalhos apresentados e do debate resultou claro que os feminismos – que assumimos plurais – são ainda necessários e importantes para um futuro melhor para mulheres e homens. O êxito do Congresso Feminista 2008 (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 25-27 de Junho de 2008), uma organização da UMAR, e, a nível internacional, o sucesso do 7th European Feminist Research Conference (Utreque, 4-7 de Junho 2009), testemunham ainda a actualidade política desta área científica.

A decisão de criar um programa com esta designação, com todos os riscos que a escolha implica, passou ainda pela consciência da importância da institucionalização para a visibilidade de uma área de investigação, ensino e activismo, que está muito viva mas permanece, em larga medida, oculta. De facto, em muitas universidades portuguesas existem unidades curriculares, projectos de investigação e grupos de discussão informais com abordagens feministas; acontece, porém, que este trabalho se encontra subsumido em outras áreas de investigação, formalmente reconhecidas pelas instituições universitárias e governamentais. Nas universidades portuguesas – ao contrário do que acontece em Espanha, para dar o exemplo de um país que nos é geográfica e culturalmente próximo – não há departamentos de estudos nesta área nem – à excepção do programa pioneiro de “Estudos sobre Mulheres” da Universidade Aberta, que teve início em

1995 – são conferidos graus académicos independentes. Foi a partir da constatação desta realidade que decidimos avançar com a criação do nosso programa: acreditamos que a institucionalização é um passo importante no sentido da visibilidade e da legitimação científica desta área de estudos.

Na sua criação, o programa incluiu os seguintes seminários e docentes: “Teorias dos Feminismos” (Maria Irene Ramalho); Metodologias (Teresa Tavares) – seminários obrigatórios para o mestrado – ; “Ficção, Memória, História” (Adriana Bebian); “Mulheres e Religiões” (Anselmo Borges); “Feminismo e Linguística” (Clara Keating); “Representações do Corpo” (Elfriede Engelmayer); “Mulheres e Escrita” (Isabel Pedro); “Mulheres e Etnicidades” (Maria Isabel Caldeira); “Mulheres: dos discursos à realidade” (Maria Antónia Lopes); “As mulheres e o mundo contemporâneo” (Maria Irene Vaquinhas); “Imaginário e poder” (Rosário Ferreira) – todos estes seminários opcionais. A oferta anual de seminários está sujeita a contingências diversas.

Os Estudos Feministas são caracterizados pela sua interdisciplinaridade. Esta característica é, simultaneamente, uma dificuldade e um desafio, ou um lugar de possibilidade. Apesar de o discurso dominante dentro da academia valorizar o trabalho de colaboração entre pessoas de competências muito diversas, a verdade é que, quando nos candidatamos a financiamentos de projectos ou nos encontramos perante painéis de avaliação – de projectos ou de carreiras académicas –, invariavelmente nos confrontamos com uma cultura que (ainda) privilegia um saber claramente disciplinar. Nestas situações concretas ter uma posição marcadamente interdisciplinar pode ser, não raras vezes, prejudicial. Por outro lado, não deixa de ser um desafio estimulante e, a longo prazo, compensador. Como argumenta Mia Liinason no ensaio “Why Interdisciplinarity? Interdisciplinarity and Women’s /Gender Studies in Europe”, publicado no vol. IX de *The Making of European Women’s Studies* (2009), uma abordagem interdisciplinar almeja um tipo de conhecimento global e uma reflexão epistemológica sobre a natureza do próprio conhecimento – ou do que constitui “conhecimento” – que a constrição imposta pela organização disciplinar – e disciplinada – do saber não permite. Por outro lado, um trabalho de colaboração entre pessoas vindas de diversas áreas permite uma visão panorâmica e comparativa, necessariamente mais rica. Ao

aceitar este desafio, estamos a desafiar limites e a criar novas possibilidades.

Se a interdisciplinaridade dos Estudos Feministas tem, na origem, razões históricas – uma vez que os números exíguos de investigadoras tornavam então necessária a colaboração entre diversas áreas – a verdade é que este modelo de abordagem resultou produtivo e útil para uma compreensão mais global dos problemas que se colocam não só às “mulheres” mas ao “humano”. Tudo o que se produz em todas as áreas do saber – da arte à medicina – pode ser, e é, matéria de reflexão para a pergunta pelo humano. Em todo o mundo – também em Portugal – trabalho importante está a ser realizado em áreas tão diversas como o direito, a biologia, a sociologia, a história ou os estudos culturais e literários – para mencionar apenas algumas – que pode, com propriedade, ser qualificado de “feminista”.

Uma vez que a iniciativa da criação dos Estudos Feministas da U.C. partiu da Faculdade de Letras, naturalmente que os planos de curso reflectem a presença forte das Humanidades. Tendo consciência de que uma interdisciplinaridade autêntica é desejável, a coordenação do programa tem vindo a praticar uma política de convites a investigadoras de outras áreas científicas, de outras Faculdades e Centros de Investigação da U.C., bem como de outras universidades, para a realização de seminários de investigação e discussão, abrindo assim o campo de reflexão e o diálogo num projecto que se quer diverso mas comum. Trata-se de uma colaboração que pretendemos aprofundar no futuro, no sentido da constituição de redes, nacionais e internacionais.

Este livro que aqui deixamos reúne meia dúzia de ensaios que dão testemunho dos primeiros passos dados neste sentido. Colige alguns dos melhores trabalhos de seminário das alunas do 1º programa de Mestrado em Estudos Feministas e oferece uma pequena amostra da diversidade e da riqueza da investigação dos Estudos Feministas contemporâneos. Inclui um ensaio de História, “Homoerotismo feminino no século XVIII”, de Salomé Coelho; e um de Linguística, “A derrogação semântica da Mulher”, de Ana Paula Vieira da Silva. Os restantes ensaios resistem a uma classificação “disciplinar”: “*Chéri* ou la nostalgie de l’androgynie: étude de la persistance archétypale du complexe de la Grande Déesse dans l’ouvre de Colette”, de Oriana Baron, encontra-se na fronteira entre a Literatura, a Antropologia e os Estudos Culturais; “Histórias de vida das mulheres palestinianas: ficção, memória ou história?”, de Shahd Wadi, situa-se entre a



História Oral e os Estudos Culturais, enquanto “Madonna, sexo e o fim da hegemonia masculina”, de Ana Paula Vieira da Silva, se encontra na fronteira entre a Semiótica e os Estudos Culturais. Incluem-se ainda duas entrevistas – “Para memória futura: duas mulheres palestinianas em entrevista. Um Cáied e Iosra Ibrahim Al-Barbari” – com tradução do árabe, introdução e notas de Shahd Wadi. Por esta lista se pode verificar como esta colectânea atesta a interdisciplinaridade do nosso curso, mas também desta área de investigação e ensino, internacionalmente reconhecida mais ainda com poucas tradições em Portugal.

Não queremos deixar de expressar aqui o nosso agradecimento ao Conselho Directivo (2007-2009) da FLUC pelo apoio que sempre deu ao programa e, em especial, a esta publicação de ensaios de uma disciplina cujo futuro estamos a construir todos os dias.